

ÉTICA, ECONOMIA E NEGÓCIOS

Ivanor Luiz Guarnieri¹

GUARNIERI, I. L. Ética, economia e negócios. *Rev. Ciên. Empresariais da UNIPAR, Umuarama, v.7, n.1, jan./jun, 2006*

RESUMO: O debate ético se impõe cada vez mais como relevante no contexto econômico. O presente estudo traz à baila a problemática da ética, começando por dar uma concepção da disciplina, com destaque para alguns de seus campos de análise, a saber: o descritivo; o especulativo e o normativo. O texto analisa também as relações entre ética e economia, destacando a preocupação com padrões éticos em relação aos negócios e as empresas, procurando mesclar a posição de alguns autores da área de ética e economia com o debate atual, no contexto maior da sociedade capitalista.

Palavras-chave: Ciências Sociais; Ética; Economia; Administração.

ETHICS, ECONOMY AND BUSINESS

ABSTRACT: The ethical debate presents itself more and more relevant to the economic context. The present study brings up the problematic of Ethics, starting by giving a definition of the discipline by highlighting some of its own fields of analysis as the descriptive, the speculative, and the normative. The text also analyses the relationship between Ethics and economy. It detaches the concern about ethical standards in relation to businesses and companies by aiming at mixing some ethic and economic domain authors' standpoints within the current debate in the broader context of the capitalist society.

KEYWORDS: Social Sciences, Ethics, Economy, Administration.

ÉTICA, ECONOMÍA Y NEGOCIOS

RESUMEN: El debate ético se impone cada vez más como relevante en el contexto económico. Esta investigación trae la problemática de la ética, empezando por dar una concepción de la asignatura, con relieve para algunos de sus campos de análisis, como: el descriptivo, el especulativo y el normativo. El texto también analiza las relaciones entre ética y economía, destacando la preocupación con estándares éticos en relación a los negocios y a las empresas,

¹ Graduado em Filosofia, com especialização em Filosofia e História. Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense. Mestrando em Filosofia pela UNIOESTE. É professor de Filosofia e Ética da UNIPAR - Universidade Paranaense, campus de Cascavel, e na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel. E-mail: ivanor@unipar.br e imguarnieri@uol.com.br

buscando mezclar la posición de algunos autores del área de la ética y economía con la discusión actual, en el mayor contexto de la sociedad capitalista.

Palabras clave: Ciencias sociales, ética, economía, administración.

1 INTRODUÇÃO

São observados, atualmente, reportagens e debates sobre posturas éticas onde escândalos seguidamente mostrados pelos meios de comunicação têm se referido ao problema político, mas não só. Acompanhado deste se vê atrelada alguma ação de caráter econômico ou tendo motivações econômicas.

Tendo em vista o mundo dos negócios, o presente estudo levanta algumas questões e aborda aspectos relacionados à ética e economia, no espaço maior de sociedade onde as relações econômicas acontecem.

A sociedade atual, onde diferentes agentes econômicos e uma infindável quantidade de pessoas administram ou são administradas em seus ambientes de trabalho, reclama, seguramente, uma preparação para além do simples conhecimento técnico. O estudo da área técnica permite especializar-se nela, mas não garante uma visão de mundo mais ampla e capaz de permitir o próprio entendimento da profissão no quadro maior da sociedade, chamada hoje de sociedade da informação, na qual os que se destacam são profissionais multicompetentes. Comentando a esse respeito, o presidente da *Ernst & Young* América do Sul afirma: “percebe-se que os conhecimentos generalistas são fundamentais para que tal competência específica da área de marketing ou de gestão, de fato, reproduza os resultados esperados”, (OESP, 16/04/06, p.C3), fenômeno que não é exclusivo do marketing, pois no oceano de relações econômico-sociais as diferentes áreas de atuação se imbricam e se moldam mutuamente.

A crescente velocidade na produção e difusão de informações se prende a um mundo cada vez mais virtualizado, e que abarca o setor econômico da sociedade de modo contundente. Veja-se a desterritorialização da economia, com fluxos de capitais transitando entre continentes e bolsas de valores sendo afetadas por notícias de ordem política originadas de países equidistantes. Catástrofes naturais, guerras, pronunciamentos feitos por autoridades políticas e autoridades econômicas, são capazes de gerar turbulência ou euforia nos mercados financeiros, com reflexos na vida cotidiana, como o aumento no preço dos combustíveis, por exemplo, ou inflação também no preço de outras mercadorias.

Em relação ao cotidiano, basta lembrar as significativas mudanças, em curto período, trazidas pela informática, no sistema bancário. Operações realizadas em agências, no enfrentamento de longas filas, podem ser realizadas com apenas alguns cliques no próprio computador, no conforto da casa,

interligado a rede, ou então, quando muito, com alguns toques no visor de algum dos caixas eletrônicos espalhados pela cidade, possibilitando a desintermediação nos diferentes processos de consulta a saldos, pagamentos, entre tantas outras operações, gerando ao mesmo tempo impessoalidade e frieza nas relações bancocliente, bem maior do que havia há algum tempo quando solícitos e sorridentes gerentes se esforçavam para atender e dirimir dúvidas do cliente.

São mudanças acontecendo nos mais diferentes segmentos econômicos e esferas sociais, assimiladas quase de modo imperceptível em razão dos atropelos e do envolvimento acelerado de profissionais em seus afazeres diários que, em pouco tempo, se vêm acessando a internet, recebendo mensagens e tirando fotos pelo e com o aparelho de telefone celular, para citar apenas dois exemplos de sistemas de comunicação e informação com poucos anos de existência, mas que parecem tão antigos, e para muitos, de qualquer forma, já não é possível imaginar a vida e o trabalho sem eles.

Diante de tal quadro, é mister tomar um certo distanciamento para poder avaliar melhor os acontecimentos e o próprio sentido do trabalho em tais contextos. O que aqui se propõe são algumas reflexões sobre um tema seguidamente mostrado nos meios de comunicação, e presente no discurso político: a ética e a ética ligada a economia e aos negócios.

Há um bombardeio de notícias falando do não cumprimento de preceitos éticos. Mas, por que ética? O que se entende por ela? Porque a ação de economistas, empresários e administradores não é restrita apenas ao campo econômico, já que afetam outras pessoas, e são também afetados pelo tipo de sociedade e pelos valores que nela existem. Numa palavra, ação econômica ocorre num ambiente social composto de outros elementos, como a política, a cultura, as crenças e toda uma gama de circunstâncias e preceitos aos quais não é adequado e nem vantajoso voltar as costas. Um ambiente saudável para a realização dos negócios, quem não o quer? Mas, por outro lado, quem está disposto a fazer concessões necessárias para criar um ambiente seguro para os negócios?

A ligação entre ética e economia pode ser sentida no tom contundente e quase de desabafo do desembargador Nalini, quando diz: “o terreno fértil para o avanço da delinquência é o esgarçamento moral. A falência dos valores. A política utilizada como fuga da responsabilidade penal e de enriquecimento rápido. A educação cada vez mais inconsistente e imbecilizante. A falta de políticas públicas de real inclusão dos marginalizados”. (NALINI, 2006, p.A2). Inclusão que implica, antes de tudo, o econômico e a possibilidade de consumo dos bens, entre os quais os de cultura. Sob tais aspectos, entre tantos outros problemas de ordem ética, é possível fazer negócios sim, mas a questão é saber se é desejável fazê-lo em qualquer ambiente.

Felizmente o debate e a preocupação com questões de ordem ética têm aumentado no meio empresarial, como se denota na aguda questão levantada por Gutemberg B. de Macedo, em recente debate sobre ética, promovido pela Associação Brasileira de Recursos Humano em São Paulo. Na ocasião o palestrante questionou: “se realmente praticássemos ética precisaríamos estar aqui, promovendo um debate como este?” (OESP, 09/04/06, p.Ce16) .Pergunta desafiadora, mas que pode ser respondida com o fato de estarem, no mínimo, preocupados com a ética aqueles que se propõe ao debate. Só isso já vale a discussão.

Por fim, e para não se alongar nesta introdução, um dilema. Seria o ambiente político-econômico atual e a presente sociedade menos ou mais ética do que a do passado: É pouco provável que alguém consiga responder plenamente esta pergunta, pois exemplos de comportamentos pouco elogiáveis podem ser colhidos ao longo da história, como o *comentariolum petitionais*, um manual de campanha política elaborado por Quinto Túlio Cícero, em 64 a.C, que, entre seus 58 pontos, aconselham agir de modo natural, sendo isso “imprescindível a um candidato, cujo semblante, rosto e palavras, deverão mudar adaptar-se ao sentimento e à vontade de quem seja com quem se encontre” e que “é mais importante ser um bom candidato do que uma boa pessoa”. (OESP, 04/06/06, p. A7). Exemplo tão antigo, de coisa tão presente, poderia levar ao desalento em relação à ética. Mas a sociedade da informação, citada anteriormente, tem lançado luzes e criado mecanismo de verificação de procedimentos em diferentes atividades de ordem política e econômica, duas esferas tão umbilicalmente ligadas.

O desenvolvimento ainda maior de mecanismos de investigação e difusão, dentro do ambiente democrático, no qual o debate e a busca de aprimoramento de valores ocorre, e a atenção aos princípios de conduta, cobrados, entre outros, nos códigos de ética de diferentes categorias profissionais, são apontamentos esperançosos em direção a um ambiente mais ético e humano. O desejo de que o debate possa contribuir para este aprimoramento é o quadro no qual o presente texto se inscreve.

2 ÉTICA

O campo de estudo da ética depende do foco ou da perspectiva de análise adotada. Como ela tem seu sentido etimológico originário de *ethos*, e dada a sua ligação com a moral, tendem alguns a considerar a ética do ponto de vista dos costumes, pois costumes e modos de ser sociais são o sentido do *ethos* e de *mos*, *moris*, de onde derivam as palavras ética e moral. Nesse caso a abordagem ética

se ocupa em descrever determinados padrões de comportamento moral, de uma certa comunidade, procurando compreender o sentido e o significado de regras morais daquele grupo em estudo, a partir de particularidades ou de características da cultura do agrupamento social que está sendo pesquisado.

Tal estudo implica conhecimentos de sociologia e antropologia, ciências que fornecem um quadro explicativo do conjunto de normas e de regras de convívio entre os indivíduos que participam de uma dada cultura, na qual o cumprimento de determinados padrões de comportamento e conduta é esperado de seus membros. Mesmo a psicologia social e a história poderão ser úteis na compreensão da forma de organização do grupo em estudo, e das características da cultura em apreço, da qual emergem e que o pesquisador chama de padrão moral de comportamento ou de regras de comportamento moral socialmente partilhadas.

A definição de ética dada por um autor muito difundido entre nós pode ser apontada como exemplo de perspectiva teórica que toma a ética no sentido apontado acima, quando ele a define como “a teoria ou a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”. (VÁZQUES, 1986, p. 12).

Como o comportamento moral depende em grande parte da cultura, dos valores e das normas da sociedade onde se vive, pois a quase totalidade dos comportamentos humanos são aprendidos em sociedade, para estudar o comportamento moral, que segundo Vázquez é o objeto da ética, é forçoso levar em conta a cultura da qual o indivíduo faz parte e a partir da qual aprende a obedecer e interiorizar normas de conduta.

De todo modo, “não seria exagerado dizer que o esforço de teorização no campo da ética se debate com o problema da variação dos costumes” (VALLS, 1994, p. 16), o que remete ao problema do relativismo ético, pois, sendo as culturas diferentes, haveriam diferentes éticas e os parâmetros de análise dos valores ficariam comprometidos, já que ou não há um modelo tirado exclusivamente de uma cultura específica, ou, se for tomada esta cultura como norma padrão, o risco de preconceitos é grande.

Ora, “os indivíduos nascem numa determinada sociedade, na qual vigora uma moral efetiva que não é a invenção de cada um em particular, mas que cada um encontra como dado objetivo, social” (VÁZQUES, 1986, p. 20), como as estruturas sociais, as formas de pensamento e ações aceitas socialmente como válidas, nas quais o indivíduo se vê mergulhado desde o nascimento. Se for apontado para a ética como a adequação do comportamento dos indivíduos às normas da sociedade da qual fazem parte, caberia perguntar qual o preceito correto, ou o fundamento ético? Ele varia no tempo e no espaço, uma vez que as sociedades portadoras de valores também variam? Não sem razão, pensadores de

diferentes épocas como Sócrates, Platão, Kant, diante do problema do relativismo, se indagaram da possibilidade de existência de regras universais para o campo da ética.

Mas pensar o universal implica fazer uso de categorias filosóficas. Eis então uma segunda perspectiva de abordagem ética, o enfoque especulativo. Nesse caso são relevantes os estudos sobre a liberdade, o livre arbítrio, o problema do bem e do mal, a felicidade, entre tantos outros, juntamente com o desejo de encontrar regras éticas cabíveis universalmente, como na idéia kantiana de senso do dever, em que todos deveriam procurar agir segundo o dever.

A filosofia faz indagações sobre aspectos da realidade visando encontrar, não o específico, o individual, mas o universal, pois saber o que é cada ato ético é conhecer fragmentos. A pergunta da filosofia consiste em querer saber o que é a ética como tal, procurando definir o que é o bom, o bom ético.

Na tradição filosófica ocidental variadas foram as interpretações dadas ao problema, mas, grosso modo, ligadas a uma definição de ética como ciência da conduta dirigida para um fim, fim invariavelmente ligado aos meios a partir dos quais pode ser atingido aquilo que se deseja. Ora, como aponta Aristóteles, o fim último da ação é algum bem. Há ações, contudo que se encerram em si mesmas. Como exemplo, o jogo de cartas como entretenimento, se encerra em si mesmo. O trabalho, por sua vez tende a ser feito com o objetivo de atingir um bem que lhe é externo. A questão está em definir o que é o bem, e qual o bem que a ética procura e em saber o que é o bem em si mesmo. Eis, em linhas gerais, alguns sentidos da ética especulativa. Ligada ao pensamento filosófico.

Saindo do campo da filosofia, aqui muito brevemente apontado, importa agora dizer da possibilidade de estudo da ética enquanto ética normativa. É claro que, apesar de a ética poder ser tomada como ciência de estudo do comportamento moral dos homens em sociedade, como quer Adolfo Sánchez Vázquez, o estudo das normas morais de alguma sociedade, acaba por indicar, de algum modo, comportamentos desejáveis e comportamentos a serem evitados, a partir de determinados princípios éticos. Desse modo, a ética normativa implica, num primeiro momento, e como teoria, o estudo das normas de comportamento, e isso a aproxima do estudo da cultura, mas também da ética como doadora de normas e preceitos e, em síntese, a faz aproximar-se da moral constituída socialmente e dos códigos de ética e normas de conduta cobradas dos profissionais dentro das empresas e dos profissionais liberais.

Dito isso, e levando em consideração que, em função das perspectivas de estudo apontadas acima, ou seja, descritiva, quando se atem mais a cultura ética; especulativa, de caráter filosófico e finalmente o seu caráter normativo, caracterizam a ética tanto no que diz respeito a aspectos teóricos quanto práticos.

Assim, tendo isso em mira, as indagações e apontamentos a seguir procuram considerar as ligações entre ética, economia e negócios, partindo de uma abordagem mais ampla de sociedade e economia, para encaminhar-se para alguns pontos ligados diretamente ao fazer negócios em circunstâncias que envolvem e cobram posturas éticas.

3 ÉTICA E ECONOMIA

A definição de economia como “ciência que estuda a atividade produtiva” (SANDRONI, 1996, p. 129-130), que se ocupa da produção de bens e da utilização e administração de recursos escassos, dividida em micro e macroeconomia, e tendo no geral estudos acompanhados e demonstrados por tabelas e cálculos.

Não por acaso o fato de a economia se valer da matemática, da estatística e da econometria, o que acaba favorecendo uma concepção de economia muito mais próxima das ciências matemáticas do que das ciências sociais, entre as quais se inscreve. Por isso, a idéia de que o economista é antes um quantificador de coisas e processos ligados a área da produção, do que um organizador ou ordenador da casa, isto é, tem-se a impressão de que a economia fica restrita ao uso de números, tabelas, cálculos e gráficos, quando deveria ir para além da quantificação.

Os números em economia são muito importantes, não resta dúvida, porém redução da economia ao frio cálculo esconde o fato de ela ser feita por pessoas reais, e de que estas não podem ser tomadas como sendo tão insensíveis. “Os tipos friamente racionais podem povoar nossos livros didáticos, mas o mundo é mais rico” (SEN, 1999, p. 27). Além do que, a motivação, fator importante no mundo dos negócios precisa ser considerada, além de outros fatores que interferem nas decisões, como satisfação de clientes e usuários, a imagem da empresa, que são aspectos nem sempre fáceis de quantificar, apesar do uso de questionários sobre os quais são levantados dados estatísticos, necessários a tomada de decisão por parte dos operadores econômicos quando se trata de apresentar um novo produto ou sondar a reação dos demais interessados no ramo de atividade desenvolvido.

Apesar de hoje a economia parecer em si mesma como não tendo um caráter de preocupação com a ética, sua evolução ocorreu como ramo da ética, isso desde os gregos, como em Aristóteles (2002), que considerava, acima de tudo, o homem como animal político, isto é, social, e a ética e a economia inseridas no plano mais amplo da política, logo da organização do espaço social, numa influência que perdurou, como se pode observar pelo fato de que “o assunto de economia foi por muito tempo considerado de certa forma uma ramificação

da ética” (SEN, 1999, p. 18), tendo alguns dos seus maiores pesquisadores se ocupado dela, como o escocês Adam Smith, que foi professor de filosofia moral na universidade de Glasgow.

Em relação à idéia de que a economia se fortalece quando considera outros aspectos, pode-se dizer que a racionalidade interna desta ciência não é suficiente, ou é de suficiência precária, pois raramente acontece um fenômeno econômico isolado de outros fenômenos, que estão relacionados e em interdependência na sociedade. Nesse caso, a aproximação entre economia e ética, pode ser de grande valia para ambas, principalmente se for tomada a ética em um sentido dado no item anterior deste trabalho, de ciência do estudo moral dos homens em sociedade, pois, apesar da eficiência da economia nas análises acerca da produção de bens, a “economia, como ela emergiu, pode tornar-se mais produtiva se der uma atenção maior e mais explícita às condições éticas que moldam o comportamento e o juízo humanos”, (SEN, 1999, p. 25). Comportamento e juízos impossíveis de serem desprezados na era da sociedade da informação, quando notícias desairosas, sobre produtos e marcas, por exemplo, põem em risco a sobrevivência de empresas até então bem estabelecidas.

A influência, portanto, entre ética e economia é notória, podendo ser destacada ao menos em dois aspectos. No primeiro quando se refere ao *ethos*, ou ao *modus vivendi* da sociedade na qual ocorrem as operações econômicas das mais variadas matizes. No segundo aspecto, mas ligado ao primeiro, e que será detalhado no último item deste trabalho, a preocupação das empresas com procedimentos éticos, ao cobrar de seus funcionários padrões de comportamento, e ao ser cobrado delas atitudes de respeito a princípios de conduta no escopo dos relacionamentos que estabelecem com a comunidade onde interagem, preocupações cada vez maiores em um ambiente sempre mais sensíveis a questões como a ecologia, a relação público-privado, respeito às regras e ao cliente, cumprimento daquilo que é prometido em propagandas, entre outras. Mas disso se falará mais adiante.

Sobre ética e cultura social, ou acerca da ligação da ética nos negócios, dentro do escopo de sociedade onde eles acontecem, lembre-se aqui o clássico estudo de Max Weber “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, no qual a metodologia parte de “um complexo de elementos associados na realidade histórica, que unimos em um todo conceptual do ponto de vista de um significado cultural [e que] deve ser gradualmente estruturado a partir das partes individuais tomadas a realidade história que a instituiu” (WEBER, 1999, p.28), realidade construída por sujeitos socialmente localizados, isto é, que constroem e são influenciados pela cultura da qual são participantes.

Na busca pelos elementos constitutivos do que chamou de “espírito do

capitalismo”, Max Weber cita a famosa carta de Benjamin Franklin que, como se sabe, contém máximas e conselhos para os jovens dispostos a buscar riqueza e desejosos de fazer fortuna. Nessa carta, expressões hoje corriqueiras, como “tempo é dinheiro, são comentadas por Franklin, que além disso dá sugestões de procedimento para se obter sucesso econômico e profissional, como quando aponta: ”Depois da industriiosidade e da frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que a pontualidade e a justiça em todos os seus negócios” (FRANKLIN apud WEBER, 1999, p. 30). Conselhos analisados por Weber que observa neles um dos sentidos do espírito capitalista, sentido esse chamado pelo sociólogo alemão de filosofia da avareza, mas que, de todo modo, as pregações de Benjamin Franklin são tomadas como exemplo do *ethos* capitalista tão caro a nação estadunidense.

Ora, a preocupação em ganhar dinheiro e ter sucesso exige, segundo Franklin, atitudes e posturas éticas capazes de tornar o profissional digno de confiança notadamente ante os olhos daqueles de quem depende seu trabalho, como cliente e fornecedores e, assim, poder prosperar nos negócios.

No mesmo sentido de Benjamin Franklin pensava Phineas Taylor Barnum. Este senhor que no século XIX construiu fortuna como empresário no ramo do entretenimento, e é tido como um dos pioneiros na popularização do circo, considerado em seu tempo como um sujeito esperto e sagaz, ao ser convidado para proferir palestra a empresários ingleses. Na palestra estavam “todos querendo saber como ganhar mais dinheiro. E qual é a grande resposta de Barnum? A lição de prosperidade é simples: entre outras idéias óbvias, honestidade, acima de tudo”. (XAVIER, 2006, p. Ce3).

No livro “A arte de ganhar dinheiro” Barnum dá sugestões como: evitar dívidas, procurar estar no lugar certo, perseverar, ler jornais, pois desinformação custa caro e informação implica em oportunidade, respeito aos clientes, preservar a integridade, tudo isso girando em torno de uma idéia de que “ética e honestidade são primordiais como receita para o sucesso profissional”. (XAVIER, 2006, p. Ce3).

Muito embora se possa alegar que é mesquinhez fazer uso de comportamento ético não como valor em si mesmo, mas como meio para alcançar fortuna, não deixa de ser relevante a tônica dada a justiça e a honestidade, tanto por Franklin quanto por Barnum, valores sabidamente desejados e, na opinião desse autores, capazes de contribuir para o bom desempenho dos agentes econômicos.

Então, o que explica o sucesso? Que forças levam algumas nações e indivíduos a avançar e enriquecer, enquanto outros ficam estagnados? “Estas são as questões mais importantes nas ciências sociais hoje” (BROOKS, 2005, p. B12).

O que leva as pessoas a trabalhar duro e a obedecer regras de conduta, senão a esperança de prosperidade futura e melhor qualidade de vida a ser alcançada?

Graças a velocidade na transmissão de informações, tem-se atualmente a impressão de que a desonestidade e a corrupção estão aumentando, dando uma triste sensação de desalvamento. Mas o fato de se ter avançado em investigações e serem noticiados os desvios de conduta em relação ao tratamento dado do dinheiro público, entre outros crimes econômicos, revela, no mínimo, a existência de valores positivos a partir dos quais são cobradas punições aos envolvidos e a crença em valores e procedimentos éticos.

No fundo sabe-se que o descuido com a ética pode arruinar os negócios. Imagine-se um país onde todos seriam honestos e, portanto, os negócios transcorreriam em segurança, pois as pessoas confiariam umas nas outras. Mas, em um dado momento, alguém, querendo aproveitar-se da boa fé dos demais, decide agir de modo inescrupuloso. Começa mentindo e enganando, dando golpes para obter ganhos ilícitos. Outras pessoas poderiam tentar fazer o mesmo, julgando com isso conseguir sucesso. Se a maioria começar a agir desse modo, qual o limite até o sistema atingir a saturação? Cada vez mais seriam exigidos contratos escritos, pois só a palavra empenhada não bastaria. Depois os contratos deveriam ser levados a cartórios, local onde se reconheceriam assinaturas em contratos, devidamente assinados também por testemunhas, para evitar que os contratantes não neguem o que firmaram no papel. Tudo isso diante de uma quantidade cada vez maior de leis e mecanismo jurídicos criados com o intuito de serem capazes de dar alguma segurança.

Se nesse hipotético país os órgãos e instituições criados para assegurar o cumprimento de normas e regras estabelecidas em leis, também eles tiverem dificuldades em agir corretamente, pode ser imaginado um grande embaraço.

Não se quer com isso afirmar que o capitalismo só prospere em ambiente acético, e que ele próprio seja dotado de santidade. Contudo, despesas crescentes com a aplicação de mecanismos de salvaguarda, como juros maiores cobrados para cobrir o rombo deixado por maus pagadores, gastos com suborno, encarecimento no preço de serviços e produtos licitados, são alguns dos exemplos que indicam os estragos que a falta de ética pode trazer aos países e aos seus agentes econômicos. Estes, preocupados com a possibilidade de prejuízo, desses países podem se afastar, a partir da análise entre risco e chance. Se os riscos de perda superam as chances de ganho, as empresas irão ponderar com muita cautela a possibilidade de inversão de seus capitais em locais pouco confiáveis, a menos que possam auferir receita vantajosa, porém correndo o risco de ser descoberta e punida a empresa que se aliar ao ilícito.

Como se vê a ética é importante e pertinente, embora complexa,

quando se indaga sobre as razões do progresso e do insucesso econômico das nações. Quanto ao aspecto mais específico dos negócios e das empresas, convém encaminhar-se ao último item deste artigo.

4 ÉTICA E NEGÓCIOS

Como diferentes atividades de diferentes organizações estão ligadas por um espaço comum, que é o espaço social, as características de sociedade e economia, do mundo empresarial e das empresas estão em permanente contato e influenciam-se mutuamente. É notório, por exemplo, os problemas oriundos de atividades econômicas que afetam mais diretamente o meio ambiente. O aumento populacional e o aumento do consumo de mercadorias cuja produção depende da exploração de recursos, sejam estes renováveis, não renováveis ou livres, como o ar e a água, tem desencadeado uma série de ações e debates relativos à preservação ambiental. Em vista disso, órgãos governamentais foram criados e legislação específica entrou em vigor interferindo diretamente na atividade de empresas que afetam setores econômicos cuja atividade é ecologicamente impactante, como indústrias de mineração, de carvão, de celulose, postos de combustível, madeireiras e uma infinidade de outras, cujo alvará de funcionamento depende de licença ambiental.

Mais recentemente, supermercados têm sido cobrados, no sentido de se engajarem em campanhas de conscientização para uma melhor destinação de resíduos, pois as mercadorias que vendem, em boa parte, tornam-se lixo doméstico, ou são geradoras de resíduos, em razão do descarte das embalagens. As próprias sacolas plásticas utilizadas no empacotamento dos produtos, sem os devidos cuidados, podem tornar-se problema sério, entupindo galerias de água ou formando camas plásticas em aterros sanitários, dificultando o fluxo da água no subsolo.

Coisas impensadas há algum tempo tornam-se motivo de debate e preocupação. De fato, a sociedade se modifica e com ela a moral e a percepção das pessoas acerca dos problemas que as cercam, a ponto de assuntos discutidos pelos cidadãos entrarem em recintos onde, até então, não haviam habitado, como no setor público, “principalmente por leis que passam a encampar valores éticos, o que acaba por repercutir na própria regulamentação econômica em que o Estado atua”. (BASTOS, 1999, p. 237).

Os exemplos citados acima, e colhidos aleatoriamente, servem para mostrar como a forma de organização social de uma comunidade ou sociedade, e as empresas que dela fazem parte, se envolvem e se reconhecem. Empresas localizadas em países cuja industrialização ocorreu primeiro, sentiram com o

tempo a pressão exercida pela opinião pública sobre os efeitos de suas atividades econômicas. Pressão que resultou em intervenção pública, via legislação e fiscalização por parte do Estado.

Outro dado importante diz respeito à imagem da empresa junto a essa mesma opinião pública. Nenhuma empresa deseja ver sua imagem arranhada por notícias de má gestão dos negócios, se verem envolvidas em escândalos ou ser acusada de poluidora, pois muitos desses erros são apontados como falta de respeito para com os demais, e falta de respeito revela em certa medida desvios éticos.

Entre os países onde a cobrança ética se fez sentir rapidamente, os Estados Unidos viram a atividade econômica de alguns empresários cercada de questionamentos, a ponto de a não observância de condutas éticas representar riscos adicionais aos empreendimentos. Lá tais cobranças se deram “na esteira de grandes escândalos nas relações entre empresas privadas e agentes governamentais”, (CARNEIRO, 1991, p. 37) e o envolvimento de políticos com determinados setores da economia estadunidense, como o do petróleo, tem gerado desconforto, para dizer o mínimo, com a queda nos índices de popularidade do atual governo norte-americano.

No Brasil há certo ceticismo no que diz respeito à ética. Mas esse pessimismo não é só nosso e tende a mudar. Embora a corrupção seja historicamente localizável, pois o conluio entre agentes do Estado e agentes econômicos, além de outras formas mais simples de corrupção, sempre esteve presente na história. Hoje é possível observar a indignação e reprovação a esses atos, com autoridades de alto escalão, como ministros, sendo investigadas e em alguns casos afastadas dos cargos. A queda do presidente Fernando Collor de Melo em 1992, em que pese nuances e outros interesses nem sempre esclarecidos, teve como argumento central a falta de ética no trato com a coisa pública. Apesar da aparência de conformismo, há uma perspectiva de mudança gradual, com a construção paulatina de uma nova mentalidade.

Embora o grau de cobrança seja mais notado sobre políticos e funcionários públicos, a crítica volta seu olhar também sobre a atividade privada, como lembra um famoso jurista brasileiro, para quem “o relatório da CPI dos Correios, por exemplo, não faz referência aos empresários que comprovadamente participaram dos fatos, especialmente diretores de bancos. Por que só o outro lado é incriminado?”. (DALLARI, 02/04/06, p. J4). A questão feita por Dallari não é só dele e reflete, de algum modo, o que muitos se perguntam acerca do corruptor, pois se alguém é corrompido o é por alguém que corrompe e para o favorecimento recíproco em detrimento de outros. Lembrando a cínica idéia de Molière, de que o escândalo do mundo faz a infração, o anonimato cada vez

mais difícil, em tempos de informação crescente, tem maculado a reputação de muitos.

Em meio a isso tudo, curiosamente crescem as estratégias de marketing procurando mostrar a preocupação com valores e com ações de caráter social, ecológico e ético, alardeando o lado mais humano das empresas. Como foi dito no item: “ética e economia”, a atividade econômica não pode ser reduzida ao frio cálculo egoísta de seus agentes, pois eles se vêem ligados a um mundo de relações sociais para além do mero trato mercantil. São circunstâncias e nuances que podem ser notadas na preocupação crescente com a responsabilidade social das empresas e com a conduta de seus integrantes. Sabedores que os clientes estão cada vez mais atentos às implicações de caráter ético, na medida em que cresce a informação e o conhecimento das vantagens em realizar negócios com pessoas confiáveis, aumenta também o cuidado em mostrar uma imagem mais positiva da empresa a esse respeito.

A essa altura o leitor, e os administradores em especial, devem estar se indagando do trabalho que exercem e de como se orientar em um mundo competitivo e exigente, com cobrança aguda sobre os resultados financeiros, gerando um ambiente onde “a ética é difícil de praticar quando a pressão por resultados em curto prazo se agiganta nas organizações, vem acontecendo atualmente” (OESP, 09/04/06, p. Ce16). Razão pela qual algumas empresas vêem, quase exclusivamente o resultado financeiro, e tomam o desempenho em números, colocando o resultado positivo do balanço como meta a ser alcançada, mesmo que signifique sacrificar em graus variados, preceitos éticos.

Mesmo assim, a ética pode ser vista como instrumento de realização de lucro, isto é, de que é preciso ser ético para ganhar bem, o que pode parecer uma solução aos administradores “por solucionar eficientemente os complicados dilemas morais da administração” (NASH, 1993, p. 121), o que é um risco e uma dificuldade em ser aplicada em razão de o lucro ser algo quantificável, enquanto a ética, fluída por sua própria natureza, pertence ao campo do imponderável. Mas, como lembra a autora, “o raciocínio do resultado financeiro só pode cooperar construtivamente se for contrabalançado por uma referência inteligente aos valores qualitativos e éticos sobre os quais se baseiam a tomada de decisão responsável” (NASH, 1993, p. 125). Lembrando sempre que as decisões afetam terceiros e atingem diretamente os que interagem com a empresa, sejam funcionários, clientes, fornecedores ou acionistas.

Aqueles que estão envolvidos com a empresa, produzindo bens, adquirindo suas mercadorias, investindo nela ou de qualquer outra forma participando de sua atividade, não irão se sentir seguros, e tendem a se sentirem lesados se souberem de algum ilícito que os prejudique ou que, de alguma forma,

houve desonestidade no trato com os negócios.

Sabendo que administrar é gerir conflitos de interesses, pois o interesse dos clientes é diferente do interesse dos acionistas, que por sua vez difere do interesse dos fornecedores, há que se tomar o máximo de cuidado em agir com clareza e correção, questionando seguidamente se, porventura, não se está cometendo atos fraudulentos e desonestos, se alguém está sendo favorecido alguém em prejuízo de terceiros, buscando agir de modo idôneo, evitando atitudes indesejáveis e indefensáveis do ponto de vista ético.

Cumpra ressaltar ainda, já ao término deste trabalho, que no conjunto das relações econômicas, a falta de confiança recíproca, de honestidade e clareza nos negócios, tendem a corromper o próprio sistema capitalista, tornando a atividade econômica muito cara, em razão de um número considerável de leis e precauções a serem tomadas para evitar o malogro.

Portanto, a ética de modo geral, e a ética profissional e empresarial de maneira especial, no contexto econômico, apresentam-se sempre mais relevantes e oportunas, não devendo os economistas e os administradores que também são responsáveis pelo progresso econômico sejam da nação ou das instituições, olvidá-la.

5 CONCLUSÃO

A relevância da ética em um ambiente econômico e profissional cada vez mais torna-se uma exigência, e aponta mudanças de perspectiva que vão além da simples adoção de códigos de ética internos. A própria abordagem econômica vê-se enriquecida ao considerar o campo maior de ação dos agentes econômicos comprometidos com novas posturas, mais em acordo com os reclamos da sociedade.

Aliás, os chamados códigos de ética, de diferentes matizes, em geral são construídos depois de alguns problemas observados quanto ao mau uso de coisas da empresa, ou depois de algum problema instalado. Feitos algumas vezes de cima para baixo, parecem, na maioria dos casos, simples rol de conduta e boa educação. Mas analisá-lo mais detidamente exige um outro artigo.

É sintomática a preocupação de empresas e empresários em desenvolver algum tipo de serviço social ou participar em projetos de parceria com entidades de caráter beneficente, bem como incentivar os funcionários a participar da vida de suas comunidades. Se há alguns anos atrás a ação afirmativa partia do patrão que, para parecer responsável e bom, ou por piedade, fornecia algum tipo de ajuda esporádica e mostrava-se solidário com os funcionários em dificuldade, hoje parece quase uma obrigação das empresas, notadamente as mais ricas,

em ter algum projeto de extensão comunitária ou adotar planos de saúde para os funcionários. Atitude vista como uma forma de retribuição pelo que as comunidades externa e interna representam e contribuem para a firma.

Uma imagem positiva é fator de sucesso aos que o almejam como algo duradouro, por isso pode ser dito que, nos negócios, o negócio é ser ético.

6 REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- BASTOS, C. R. Ética no direito e na economia. In: MARTINS, I. G. (Coord.). **Ética no direito e na economia**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- BROOKS, D. Os santos capitalistas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 dez. 2005.
- CADERNO de empregos. **O estado de São Paulo**, São Paulo, 16 abr. 2006.
- CARNEIRO, J. G. Uma nova visão da ética empresarial. In: TEIXEIRA, N. G. **A ética no mundo das empresas**. São Paulo: Pioneira, 1991.
- COMO não mudou nada política em 2 mil anos. **O Estado de São Paulo**, 4 jun. 2006.
- DALLARI, D. de A. Mais ética, menos circo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2 abr. 2006.
- DEBATE sobre ética na seleção de pessoal reúne gestores na ABRH- SP. **O Estado de São Paulo**, 9 abr. 2006.
- NALINI, J. R. A máfia endereita a América. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 jul. 2006.
- NASH, L. **Ética nas empresas**. Makron Books, 1993.
- SANDRONI, P. **Dicionário de economia e administração**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- SEN, A. K. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- VALLS, Á. L. M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- VAZQUEZ, A. S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- XAVIER, R. de A. P. Lições simples de prosperidade. **O Estado de São Paulo**, 5 mar. 2006.

UNIVERSIDADE PARANAENSE

Em 2007

**as Revistas Científicas da UNIPAR,
mais perto de você.**

Acesse:

<http://revistas.unipar.br>

**Submissões online, textos completos
e informações.**

**Coordenadoria de Editoração e Divulgação Científica
cedic@unipar.br**

